

O VAZIO ENTRE DUAS LÍNGUAS EM *SENA & SOPHIA: CENTENÁRIOS*

PAULO BRAZ*

Em setembro de 2019, a Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Real Gabinete Português de Leitura realizaram um congresso em memória do centenário de dois poetas portugueses: Sophia de Mello Breyner Andresen e Jorge de Sena. Cabe-me aqui tecer algumas palavras acerca da publicação *Sena & Sophia: centenários*, reunião de artigos organizada por Gilda Santos, Luci Ruas e Teresa Cristina Cerdeira, que resulta da realização desse congresso. O desafio que, desde já, se me impõe corresponde ao fato de que as palavras que se seguem ensaiam o comentário não apenas sobre o referido livro, mas também – ainda que muito *en passant* – sobre as magníficas obras deixadas por esses, que, inequivocamente, ocupam um lugar incontornável no cânone da moderna poesia portuguesa. Texto sobre texto, acredito mesmo que outro método não seja mais oportuno, visto que o diálogo é motivo precípua na concepção desse volume, que traz como objeto de celebração os concomitantes cem anos de dois poetas.

Jorge de Sena e Sophia de Mello Breyner Andresen, como bem salienta, com algum espanto, Teresa Cerdeira na introdução que assina, nasceram “com uma diferença de quatro dias no mesmo mês de novembro de 1919” (CERDEIRA, 2020, p. 9). Para além da quase coincidência entre datas de nascimento, algo ainda mais patente se revela no transcorrer da leitura dos muitos ensaios presentes na obra: o fato de essas duas vozes maiores da poesia portuguesa do século XX se irmanarem na partilha de uma multiplicidade de questões relativas ao pensamento sobre a arte. Ao fim e ao cabo, tais ideias compreendem os elementos fundadores de uma modernidade estética em língua portuguesa pós-Pessoa. Creio ser este

* Professor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: brazpr@letras.ufrj.br Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-4823-1188>.

um papel determinante de *Sena & Sophia: centenários* – asselar a definitiva importância da obra de ambos os autores para uma mais profunda compreensão do fenômeno da modernidade em Portugal.

Sophia – cuja poesia completa é já publicada no Brasil pela Tinta-da-China e que conta igualmente com sua obra antologada em edição da Companhia das Letras, organizada por Eucanaã Ferraz (poeta e ensaísta que comparece em nosso livro com um belo texto sobre a autora de *Coral* e sua relação com a poesia brasileira) – é decerto mais conhecida, não só em Portugal como em terras tupiniquins, do que seu amigo de letras. Sua poesia, que até foi mote inspirador para um álbum de Maria Bethânia, conquistou maior adesão do público leitor, mesmo aquele dito não especializado, assim como da crítica, para quem sua posição canônica não é exatamente uma novidade. Por outro lado, Sena, também publicado no Brasil (menção especial às antologias *Jorge de Sena: Ressonâncias e cinquenta poemas*, editado pela 7Letras, e *Não leiam delicados este livro*, pela Bazar do Tempo, ambos os títulos organizados por Gilda Santos), e a par de sua errática existência que o fez deixar “a vida/ pelo mundo em pedaços repartida” (CAMÕES, 1973, p. 221), por razões que se poderiam dizer diversas ou incógnitas, é menos conhecido ou mesmo ignorado. Seja por seu temperamento ácido, que, na atividade crítica, manifestava um rigor e uma virulência sem concessões, seja pelo silêncio ou incompreensão com que suas obras foram recepcionadas ao longo de sua trajetória artística, o poeta de *Metamorfozes* tem o século XXI pela frente para que ocupe o lugar que se lhe deve. Não obstante a fama que a uma precede e a maior ignorância ou silenciamento que ao outro encobre, como sói ocorrer a todo grande poeta, é afinal a obra que deixa o único legado que à poesia fica. E o que as mais de quinhentas páginas de *Sena & Sophia: centenários* comprovam é o quanto, sobre a obra dos dois poetas, ainda há o que dizer.

São diversas as abordagens críticas apresentadas no volume, dividido em três grandes partes (“Sena: «capitão de tempestades»”, “Sophia: «no esplendor da maresia»” e “Sena & Sophia & outras vozes: «cartas poemas e notícias»”), para além da referida introdução e de um “átrio” – seguimento do livro intitulado com palavra de memória romana

e com laivos andresenianos em que surge o texto de Luís Felipe Castro Mendes acerca das poéticas de ambos. Por meio dessa estrutura, o que nosso livro apresenta é a riqueza e a versatilidade do trabalho de escrita dos autores comemorados. Riqueza que se dá a ver na atenção ao pormenor da oficina poética, assim como a uma profunda consciência da tradição, e versatilidade presente na observância de um trabalho com a linguagem que se desenvolve em múltiplos registros e gêneros.

Em “Sena e Sophia: escrever no princípio do mundo”, que faz as vezes de segundo pórtico de entrada do livro, Castro Mendes explora uma arguta concepção das artes poéticas de ambos os autores, destacando um ponto de tangência entre as duas obras no fato de que cada qual, sua maneira, busca descrever o fenômeno poético como processo criativo original. Estamos, aqui, longe da perspectivação do poeta entendido como *gênio original* (aliás, muito devemos a esses dois, assim como à sua geração dos anos 1940, a ruptura desmistificadora com tais utopias românticas que, mesmo em um Pessoa – ainda que menos – e muito nos poetas de *presença*, se davam a ver sob a égide do culto da personalidade poética como gênio criativo). Para Sena e Sophia, a palavra poética é, antes de tudo, vista como trabalho oficial. Mas trabalho que concede acesso a uma zona de mistério, ao tempo mítico da linguagem, à palavra que, embora em diálogo com o passado da tradição (ou justamente por isso, já que é palavra que regressa às origens), cria o mundo novo. E o que é particularmente interessante no ensaio de Castro Mendes é sua habilidade em articular tal aspecto das artes poéticas de Sena e Sophia em obras em verso, mas também em prosa, como romances e textos de circunstância, revelando em cada um dos poetas uma coesão de método e projeto de escrita assombrosos.

À medida que avançamos na leitura, nos damos conta de que, apesar das semelhanças, cada poeta inventa sua própria língua. Em especial, quem muito enfaticamente explora essa ideia é Ana Luísa Amaral, poeta e ensaísta que comparece no livro também com um texto que se dedica à obra de ambos os poetas, concentrando-se na leitura das famosas correspondências entre os dois. O ensaio, intitulado “Entre-cartas:

paisagens com poemas, filhos, dois mares e liberdade ao fundo”, se volta a um exercício rigorosamente inventivo de linguagem, sendo ele mesmo o texto que indefinidamente promete ser. Diante do vazio entre duas línguas (as de Sena e Sophia), Amaral cria uma terceira, que poeticamente ergue pontes entre elas, assinalando suas zonas de transmissibilidade – poderia dizer: de *traduzibilidade*. Isso porque a tradução de poesia (mais uma dentre as muitas tarefas que Sena executou) também é objeto de discussão em seu ensaio.

Em dado passo de sua reflexão, Amaral (2020) recupera uma discussão entre Sophia e Sena acerca do exercício da tradução. Enquanto aquela defende o rigor de uma tradução literal, este aposta na tradução como prática criativa. É nessas circunstâncias que a autora de *Coral* afirma: “quero traduções, mas que deixem em branco o vazio entre duas línguas.” (ANDRESEN; SENA, 2010, p. 115). Esse *vazio* suponho ser aquela região de incomunicabilidade em que esta e aquela expressão se isolam por só no interior de suas línguas encontrarem a forma e o som que as evoquem. Deixá-lo *em branco* me parece um modo de destacar a dificuldade ou mesmo a impossibilidade inerente a todo ato tradutório. Ora, Amaral conhece esse vazio, que afinal pode habitar mesmo o seio da própria língua, em que todos, em alguma medida, somos também estrangeiros, pois que, sendo nossa, é também e, sobretudo, de outros. No entanto, é ainda ela quem declara que “as paixões são pessoais, mas [...] transmissíveis” (AMARAL, 2020, p. 391), o que me leva a dar maior atenção à citação que dá título a esta resenha, e que também aparece no ensaio “Tradução e talento individual: Jorge de Sena tradutor e antologador”, de Joana Meirim.

Nesse texto, que se concentra no volume *Poesia de 26 séculos (de Arquíloco a Nietzsche)*, traduzido por Jorge de Sena, Meirim empreende uma investigação sobre seu papel de tradutor, de maneira a circunscrever certas características dessa faceta seniana, em consonância com sua prática poética. Em outras palavras, ensina como a figura do Sena tradutor pode ser iluminada pelo Sena poeta e vice-versa. O ponto-chave dessa reflexão

é o apontamento seniano de que “tudo na vida é tradução” (SENA, 1993, p. 21). Nada menos inesperado para o poeta de *Arte de música*.

O problema fundamental por trás desse pensamento consiste na ideia de que, apesar das diferenças, é com elas que se pode construir um *lugar comum*. É porque há ruído e desentendimento que a língua se faz possível como instrumento de diálogo. É por causa desse vazio que a poesia pode operar como meio de comunicabilidade. A humanidade é o que garante esse caráter universal da poesia, segundo Sena (1993) para quem tudo é traduzível, considerando que “as paixões são pessoais, mas [...] transmissíveis” (AMARAL, 2020, p. 391). Ou seja, na medida em que em mim se preserva o que de humano é inalienável, faz-se possível a diferença que garante o lugar comum.

Esse lugar comum da poesia é o que Sena sonha quando, em “Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya”, diz de “Um mundo em que tudo seja permitido,/ conforme o vosso gosto, o vosso anseio, o vosso prazer,/ o vosso respeito pelos outros, o respeito dos outros por vós.” (SENA, 2013, p. 347). É também o mesmo que Sophia imagina quando nos diz da “forma justa/ De uma cidade humana que fosse/ Fiel à perfeição do universo” (ANDRESEN, 2011, p. 660). A seu modo, o que Sena & Sophia: centenários propõe é também isto: um concerto de muitas vozes, ora em dissonância, ora em perfeito acorde.

Muitos são os destaques que poderíamos fazer para apontar os benfazejos e concertados encontros presentes no livro, como é o caso do já referenciado “No centro do reino de Ártemis: a viagem de Sophia ao Brasil”, de Eucanaã Ferraz, e do ensaio “Jorge de Sena: um leitor da cultura brasileira”, de Ida Alves. Ambos os textos apresentam um olhar sobre a relação que os poetas comemorados tiveram com a cultura e, especialmente, a poesia brasileiras. De um lado, Ferraz apresenta um belo encontro entre culturas, com o delicioso relato sobre a estada de Sophia no Rio de Janeiro a convite da Embaixada do Brasil em Portugal (carioquissimamente flagrada em seus banhos de mar na praia de Copacabana). Por outro, o ensaio de Alves, de forma acurada, investe na pesquisa em torno do trabalho crítico de Sena e acaba por revelar a

pouca adesão que sua bibliografia sobre autores brasileiros tem em nosso meio acadêmico. Da mesma forma, de modo geral, nos é apresentado como ainda é relevante o problema da ausência de um diálogo que supere tanto a negação de Portugal como presença colonizadora, por parte dos brasileiros, como a obliteração dos artistas brasileiros, cuja trajetória de formação literária supostamente careceria de uma consolidada tradição, por parte dos portugueses. Nesse caso, a língua é a mesma e outra, simultaneamente. Os desafios da cultura e da história são expostos aos olhos do leitor, que pode vislumbrar as ainda inúmeras dificuldades e obstáculos para a construção de uma eventualmente sonhada lusofonia.

No espaço dessa alteridade inerente à própria língua portuguesa, é que pesquisadores do Brasil, Itália, Estados Unidos e até de Portugal, presentes no congresso que deu origem a *Sena & Sophia: centenários*, constroem um harmonioso concerto de, ao todo, quarenta vozes díspares. Mas é na disparidade e na diferença que se torna possível o encontro, e esse encontro se pode ver nas muitas palavras que, ao longo do volume, se repetem nos textos dos diferentes autores: fidelidade, justiça, liberdade, ética. Afinal, é um princípio ético que rege as poéticas tanto de Sophia quanto de Sena e que, após um passeio pelos ensaios, fica evidente para o leitor. Essa ética está também presente nos trabalhos dos pesquisadores que aparecem em *Sena & Sophia: centenários*, pois neles também podemos ouvir o som de vozes que, em diferença, fazem comunidade. É o quanto nos ensina a poesia desses dois, contra a miséria do mesmo, contra o fanatismo totalitário. Eis a lição que, feliz ou infelizmente, desponta em radical atualidade no Brasil e no mundo hoje, e que podemos aprender na urgência dos textos que nosso livro traz. O centenário é deles, mas o presente é nosso.

Para Sena e Sophia, que venham mais cem anos!

REFERÊNCIAS

ALVES, Ida. Jorge de Sena: um leitor da cultura brasileira. In: SANTOS, G.; RUAS, L.; CERDEIRA, T. C. (org.). *Sena & Sophia: centenários*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 59-68.

AMARAL, Ana Luísa. Entre-cartas: paisagens com poemas, filhos, dois mares e liberdade ao fundo. In: SANTOS, G.; RUAS, L.; CERDEIRA, T. C. (org.). *Sena & Sophia: centenários*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 391-400.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Obra poética*. Lisboa: Caminho, 2011.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner; SENA, Jorge de. *Correspondências 1959-1978*. Lisboa: Guerra e Paz, 2010.

CAMÕES, Luís de. *Rimas*. Texto estabelecido e prefaciado por Álvaro Júlio da Costa Pimpão. Coimbra: Atlântida, 1973.

CERDEIRA, Teresa Cristina. Celebrar Sena & Sophia. In: SANTOS, G.; RUAS, L.; CERDEIRA, T. C. (org.). *Sena & Sophia: centenários*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 9-14.

FERRAZ, Eucanaã. No centro do reino de Ártemis: a viagem de Sophia ao Brasil. In: SANTOS, G.; RUAS, L.; CERDEIRA, T. C. (org.). *Sena & Sophia: centenários*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 285-317.

SENA, Jorge de. *Poesia de 26 séculos (de Arquíloco a Nietzsche)*. Coimbra: Fora do Texto, 1993.

SENA, Jorge de. *Poesia I*. Lisboa: Guimarães, 2013.

Submetido em 25 de junho de 2021

Aceito em 02 de agosto de 2021

Publicado em 19 de setembro de 2021
